

Vozes no silêncio: como promover o letramento literário a partir da prosa poética do escritor angolano Ondjaki

Voices in the silence: how to promote literary literacy through the poetic prose of Angolan writer Ondjaki

Voces en el silencio: cómo promover la alfabetización literaria a través de la prosa poética del escritor angoleño Ondjaki

Evandro José dos Santos Neto¹

Cátia de Jesus Lima²

Resumo

Neto, E. J. S. Lima, C. J. Vozes no silêncio: como promover o letramento literário a partir da prosa poética do escritor angolano Ondjaki. *Rev. C&Trópico*, v. 49, n. 1, p. 91-106, 2025. Doi: 10.33148/ctripico.v49i1.2360

Este artigo apresentou uma proposta de letramento literário a partir do conto *Uma escuridão bonita*, do escritor angolano Ondjaki, tendo como fundamentação teórica as abordagens metodológicas organizadas por Rildo Cosson no livro *Letramento literário: teoria e prática*, de 2014. A sugestão de trabalho apresentada aqui visa tirar o discente da condição de leitor passivo, aquele que apenas recebe informações por meio da leitura, para alçá-lo à posição de explorador, cuja função é investigar as potencialidades apresentadas pelo texto literário para, dessa forma, compreender as possibilidades de sentido que tem a narrativa para si, para os seus pares e para a sociedade na qual está inserido. Seguindo as etapas do modelo sugerido por Cosson, e efetuando as adequações necessárias, a proposta apresentada aqui está dividida em cinco partes sequenciais: motivação, introdução, leitura, interpretação e expansão.

Palavras-chave: Letramento literário; Sequência didática; Literatura africana; Literatura infanto-juvenil; Ondjaki.

Abstract

This paper presents a proposal for literary literacy based on the short story *A beautiful darkness* by the Angolan writer Ondjaki, with a theoretical foundation drawn from the methodological approaches outlined by Rildo Cosson in the book *Letramento literário: teoria e prática*, published in 2014. The proposed approach aims to move students from the role of passive readers, who simply receive information through reading, to active explorers, whose task is to investigate the potentialities presented by the literary text. The goal is for students to understand the meanings the narrative holds for themselves, their peers, and the society they are part of. Following the steps of the model suggested by Cosson, with the necessary adaptations, the proposal presented here is divided into five sequential parts: motivation, introduction, reading, interpretation, and expansion.

Keywords: Literary literacy; Didactic sequence; African literature; Children's and young adult literature; Ondjaki.

Resumen

Este artículo presenta una propuesta de alfabetización literaria basada en el cuento *Una hermosa oscuridad* del escritor angoleño Ondjaki, con fundamento teórico en los enfoques metodológicos organizados por Rildo Cosson en el libro *Letramento literário: teoría y práctica*, publicado en 2014. La propuesta que aquí se presenta tiene como objetivo sacar al estudiante de la condición de lector pasivo, aquel que solo recibe información a través de la lectura, para elevarlo a la posición de explorador, cuya función es investigar las potencialidades que presenta el texto literario y, en este

¹ Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) e professor adjunto de Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). E-mail: evandro.netto@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0246-9526>

² Mestranda em Estudos de Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e professora de História e Língua Portuguesa na educação básica. E-mail: catialima@estudante.ufscar.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0494-7915>

sentido, comprender las posibilidades de significado que la narrativa tiene para sí mismo, para sus pares y para la sociedad en la que está insertado. Siguiendo los pasos del modelo sugerido por Cosson y haciendo los ajustes necesarios, la propuesta que aquí se presenta se divide en cinco partes secuenciales: motivación, introducción, lectura, interpretación y ampliación.

Palabras clave: Alfabetización literaria; Secuencia didáctica; Literatura africana; Literatura infantil y juvenil; Ondjaki.

Data de submissão: 24/09/2024

Data de aceite: 16/03/2025

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma proposta de letramento literário a partir do conto *Uma escuridão bonita* do escritor angolano Ondjaki, tendo como fundamentação teórica as abordagens metodológicas organizadas por Rildo Cosson no livro *Letramento literário: teoria e prática*, de 2014. O modelo proposto Cosson se dissocia da leitura literária comumente realizada nas escolas, na medida em que foge do padrão de leitura simples, na qual o aluno lê um texto de modo superficial, com o intuito de preencher fichas meramente classificatórias. Para o teórico, a análise literária é uma atividade que, “se bem realizada, permite que o leitor compreenda melhor essa magia das obras e a penetre com mais intensidade” (COSSON, 2014, p.29). De forma semelhante, a sugestão apresentada aqui visa tirar o aluno da condição de leitor passivo, aquele que apenas recebe informações por meio da leitura, para alçá-lo à posição de explorador, cuja função é investigar as potencialidades apresentadas pelo texto literário, para, dessa forma, compreender as possibilidades de sentido que tem a narrativa para si, para os seus pares e para a sociedade na qual está inserido.

O letramento literário sugerido por Cosson está dividido em cinco partes sequenciais: motivação, introdução, leitura, interpretação e expansão. A proposta de que trata este texto também utilizará essa sequência, modificando, no entanto, o método relacionado ao processo de leitura. No modelo tomado como base, a leitura é realizada em intervalos, em momentos diferentes, uma vez que o texto utilizado é extenso e precisa ser lido em um horário anterior à aula. Esta proposta, por outro lado, não seguirá integralmente essa etapa do letramento, visto que o texto utilizado, *Uma escuridão bonita*, é curto e poderá, efetivamente, ser lido durante a aula.

A *motivação* é a parte do letramento em que o docente prepara a turma para entrar no universo apresentado pelo texto; por essa razão, é necessário que o momento que antecede a leitura seja bem estruturado, pois “o sucesso inicial do leitor com a obra depende de boa motivação” (Cosson 2014, p. 54). Realizada a motivação, o docente dá início à parte

denominada *introdução*, momento no qual o discente é inserido na vida do autor da obra, considerando alguns cuidados, tais como:

Um primeiro é que a apresentação do autor não se transforme em longa e expositiva sobre a vida do escritor, com detalhes biográficos que interessem a pesquisadores, mas não são importantes para quem vai ler um de seus textos. Aliás, não custa lembrar que a leitura não pretende reconstituir a intenção do autor ao escrever aquela obra, mas aquilo que está dito para o leitor. A biografia do autor é um entre outros contextos que acompanham o texto. No momento da introdução é suficiente que se forneça informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas àquele texto (Cosson, 2014, p. 60).

A terceira parte dessa sequência é a *leitura* do texto, que será feita pelo docente e seguirá a ideia, sugerida por Daniel Pennac no livro *Como um romance* (1993), de “dar a ler” aos discentes, os quais estarão posicionados para receber as possibilidades imagéticas e imaginativas da narrativa, isentos da preocupação da leitura individual em voz alta que, em alguns casos, pode gerar constrangimento. A leitura, portanto, será oferecida a eles gratuitamente, e o professor, assumindo o papel de agente de mediação, atuará como um revelador fotográfico, “economizando o esforço da decifração, desenhando claramente as situações, delineando o cenário, encarnando os personagens, sublinhando os temas, acentuando as tonalidades” (Pennac, 1993, p. 115).

A *interpretação* é a quarta parte desse modelo e consiste na associação dos enunciados, ou seja, o entrelaçamento do texto a partir das inferências que construirão o seu sentido. Cosson apresenta dois tipos de interpretação: a interior e a exterior. A interpretação interior é o encontro entre o leitor e a obra, que ocorre por meio da composição do texto que se inicia na decifração das palavras, das páginas, dos capítulos e, por fim, da obra como um todo. Para o autor, nenhum mecanismo pedagógico deve substituir essa experiência, porque “esse é o momento em que o texto literário mostra sua força, levando o leitor a se encontrar (ou se perder) em seu labirinto de palavras” (Cosson, 2014, p. 65). A interpretação exterior serve para a concretização dos sentidos do texto utilizando atividades que objetivam externalizar a leitura por meio de um registro que precisa variar de acordo com o tipo do texto, a idade do aluno e a série escolar. A externalização da obra é uma forma de mostrar para o outro as suas reflexões e impressões a respeito do texto lido, em um processo de troca de experiências através das narrativas literárias.

A última etapa é denominada *expansão* da obra, que, como o próprio nome já diz, pode ser compreendida como o momento no qual o docente propõe uma ampliação das interpretações realizadas, para além dos limites existentes dentro da narrativa, proporcionando

à turma possibilidades outras de diálogo e interdisciplinaridade. É por isso que, para Cosson, a *expansão* pode ser compreendida como “um movimento de ultrapassagem do limite de um texto para outros textos, quer visto como extrapolação dentro do processo de leitura, quer visto como intertextualidade no campo literário” (Cosson, 2014, p. 94). Dessa forma, para realizar essa parte, o docente poderá propor um diálogo entre a obra trabalhada e outras narrativas, sejam elas verbais ou não verbais, contrastando-as e confrontando-as a partir de pontos de ligação.

2 VOZES NO SILÊNCIO: UMA LEITURA DE *UMA ESCURIDÃO BONITA*

O conto *Uma escuridão bonita*³, escrito pelo angolano Ndalú de Almeida, conhecido pelo pseudônimo Ondjaki, utiliza as experiências individuais e sociais das personagens para tratar de questões relacionadas às vivências de todo ser humano. A proposta didática ancorada na atividade de leitura e interpretação do conto parte, inicialmente, da análise das vozes das personagens principais da narrativa: dois adolescentes – não nomeados – que experimentam uma situação cotidiana ocasionada pela ausência de luz elétrica. No contexto da escuridão que interdita o sentido da visão, a voz do narrador em primeira pessoa conjura um espaço ideal para a manifestação dos outros sentidos humanos, o qual instaura, por sua vez, uma atmosfera propícia não só para o compartilhamento de sentimentos vinculados à intimidade, mas também para a investigação de alguns aspectos da existência humana, proporcionada por descobertas que surgem mediante a apuração do tato, da audição, do olfato e do paladar:

A luz faltou de repente. Nessa escuridão de melodia doce ou silêncio quente, entre zumbidos de mosquitos e o cheiro dos fósforos a acender a primeira vela dentro de casa, ganhei coragem na voz e falei:
– Tu não achas que as pessoas são uma coisa tão bonita?
Ela não disse nada, nada mesmo, mas também eu não estava certo de uma resposta possível. Nessa ausência de luz, ela olhava para mim, numa travessia de escuridão e cheiros. Tinha uns olhos bonitíssimos e continuava em silêncio (Ondjaki, 2024, p. 11-16).

As diversas associações simbólicas e sinestésicas que podem ser localizadas em “melodia doce”, “silêncio quente” e “coragem na voz”, relacionadas às possibilidades semânticas que residem na dicotomia luz/escuridão, apontam para uma subversão de significados que, contrariando o senso comum, confere positividade à escuridão, retirando dela o material necessário para a problematização de outros pares antagônicos que estruturam

³ Neste artigo, nos fragmentos do conto utilizados para análise e interpretação, foi mantida a estrutura gramatical do português angolano que, em alguns casos, pode diferir das normas gramaticais adotadas pelo português brasileiro.

o texto, quais sejam: civilização/barbárie, individual/coletivo, oralidade/escrita, voz/silêncio. Por essa razão, a relação entre escuridão e silêncio surge como recurso metafórico que dá lastro ao ponto de vista do narrador:

Ela fez-me uma festinha rápida na mão. Gesto ou ternura de amansamento. Afinal uma pessoa também pode dizer coisas sem ser com voz de falar. Foi a primeira descoberta assim estranha que eu fiz nessa noite duma bendita, bonita, falta de luz. O silêncio é uma esteira onde nos podemos deitar. Esteira de poeira cósmica, se eu olhar de novo o céu escuro (Ondjaki, 2024, p. 16).

Nessa passagem, a proposição de uma sequência de ações que valoriza formas outras de comunicação, para além das frequentemente utilizadas, recorre à linguagem metafórica para exemplificar o silêncio como meio para encontrar a serenidade de que a alma necessita. O toque das mãos, em uma situação em que estão ausentes os meios de comunicação visual e oral, estabelece uma relação afetiva baseada na calma, no descanso e na tranquilidade, o que justifica as palavras do narrador: “O silêncio é uma esteira onde nos podemos deitar” (Ondjaki, 2024, p. 16). Dessa forma, é utilizado o vocábulo *esteira* com o sentido original atribuído às suas funcionalidades: instrumento utilizado para o descanso, para dormir um sono tranquilo.

A relação estabelecida entre escuridão e silêncio não só cria um vínculo afetivo entre as personagens, mas também estabelece um ambiente em que é possível tratar livremente sobre desejos, perdas de entes queridos e questões próprias da natureza humana. Nesse conjunto de relações, as experiências das personagens são alinhadas às vivências do leitor por um processo comunicativo amparado pelo aspecto humanizador que reside na construção literária, em uma relação na qual a literatura, de acordo com Tzvetan Todorov, “longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano” (Todorov, 2009, p. 24).

Nesse sentido, mediado pela experiência de leitura do conto, o leitor adentra a antes desconhecida mundivivência da juventude luandense, podendo se identificar com a sua realidade. Assim, uma vez que um dos papéis da literatura é promover aproximações por meio da palavra, quando um leitor é alcançado por determinado texto literário, o desconhecido se torna conhecido, pois as situações que as personagens vivenciam passam a fazer parte de sua experiência literária, isso porque a leitura, segundo Antoine Compagnon, “oferece um meio – alguns dirão até mesmo único – de preservar e transmitir experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida” (Compagnon, 2009, p. 47). O leitor pode, então, acompanhar o modo como diferentes

personagens pensam, vivem, amam e organizam as nuances mais significativas da essência humana.

Tecido em prosa poética⁴, o texto de Ondjaki propõe uma tentativa de investigar as camadas que dão complexidade às características pessoais das personagens, o que confere à literatura, no dizer de Antonio Candido, o papel de atuar como “fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanização, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (Candido, 1995, p. 175). De uma perspectiva didática, pensando em uma aproximação entre a temática tratada no conto e as experiências de um estudante da educação básica, *Uma escuridão bonita* pode provocar no leitor uma inquietação motivada pela recordação de alguma situação provocada pela falta repentina de luz elétrica. Ainda que a sentença afirmativa que dá início ao conto, “A luz faltou de repente” (Ondjaki, 2024, p. 11), desperte a imaginação para uma gama de elementos fantásticos condizentes com histórias contadas em ocasiões semelhantes àquelas tratadas no conto, a narração proposta pelo protagonista está voltada para a construção de um cenário baseado em questionamentos existenciais sem que isso implique a perda do aspecto pueril e inocente que reveste os processos de descoberta infanto-juvenil. Dessa forma, entre os artifícios criados para roubar o primeiro beijo da garota amada e as perguntas de natureza humanística, o narrador elabora um painel crítico que, sem deixar de lado a reflexão a respeito da individualidade, problematiza a condição humana em face dos desafios socioeconômicos que marcam a sociedade angolana do pós-guerra.

Nesse sentido, a pergunta que dá início ao diálogo “– Tu não achas que as pessoas são uma coisa tão bonita?” (Ondjaki, 2024, p.15), pode, por exemplo, induzir o leitor a um processo de reflexão que o leva a questionar quais são os principais atributos que fazem com que uma pessoa possa ser considerada bela. De forma geral, a beleza é atribuída àqueles que se encaixam em padrões estéticos preestabelecidos ou que realizam feitos dignos de notoriedade. O que dizer, contudo, daqueles que se afastam desses padrões ou que são responsáveis por atos de atrocidade? O que pensar de uma civilização ilustrada, intelectualmente desenvolvida, especializada culturalmente na escrita e nas artes, desenvolvida tecnologicamente, mas que, em contrapartida, fundamenta progresso cultural e avanço tecnológico no cerne do projeto colonizador que tem na escravização de seres

⁴ De acordo com o crítico Massaud Moisés, na prosa poética “a tônica incide sobre o vocábulo “prosa”, ou seja, põe ênfase no fato de se tratar de uma obra em prosa (conto, novela, romance, crônica) que, no todo ou em parte (trechos, capítulos), se deixa permear por soluções poéticas, ou seja, a invasão do “eu” como ator e espetáculo numa atmosfera em que prevalece o não-eu: cenário, personagens, enredo, tudo quanto obedece a uma visão poética, de forma a dar a impressão, nos casos extremos, de que “o mundo é reduzido a um ponto de vista lírico” (Moisés, 1985, p. 420).

humanos o mais eloquente indicativo da barbárie? Essas indagações surgem no corpo do texto da forma seguinte:

- Achas que pode caber o quê, no coração das pessoas?
 - Muitas coisas. Um poema, uma recordação, um cheiro de infância, um «desejo de estrelas»...
 - Como é um «desejo de estrelas»?
 - É olhar para uma estrela e desejar uma coisa.
 - Ainda deseja lá uma coisa pra eu ouvir.
 - Desejo que meu pai não tivesse morrido na guerra.
 - E eu desejo que os homens nunca inventem guerras novas.
 - Como se o saco das guerras estivesse vazio?
 - Como se tivessem perdido o saco das guerras.
- (Ondjaki, 2024, p. 22).

A análise do trecho destacado possibilita duas considerações relevantes: primeiramente, tem-se a ação de recordar algo significativo, de trazer à tona situações ou sentimentos guardados dentro de cada indivíduo. Nesse aspecto, a literariedade presente no conto cumpre uma das funções atribuídas à literatura, que é “ensinar a melhor sentir, e como nossos sentidos não têm limites, ela jamais conclui [...]” (Compagnon, 2009, p. 51). Assim, é possível afirmar que são múltiplos os sentimentos que podem surgir a partir da pergunta: “– Achas que pode caber o quê, no coração das pessoas?” (Ondjaki 2024, p.22). A outra consideração se refere à representação do contexto histórico que preenche o *corpus* social da narrativa. Não se trata aqui da descrição detalhada dos crimes cometidos e dos horrores da guerra pela descolonização de Angola; trata-se, entretanto, do desejo de que esses crimes não tivessem sido cometidos e que pessoas queridas não tivessem sido vítimas dos conflitos bélicos: “E eu desejo que os homens nunca inventem guerras novas” (Ondjaki 2024, p.22).

Ondjaki utiliza um acontecimento histórico ocorrido em Angola para materializar a dor de um indivíduo comum, pertencente àquela sociedade, que perdeu o pai. Daí, pode-se indagar o motivo que levou o autor a não nomear suas personagens: elas podem ser qualquer criança, adolescente ou jovem que perdeu o pai na guerra civil que aconteceu em Angola ou em qualquer outro país africano que passou por situação semelhante. Isso pode ser evidenciado no fragmento seguinte: “- Uma ponte? - Para o outro mundo. E vice-versa. Para chamarmos quem tivesse partido ainda em hora de cá estar. Assim o teu pai podia voltar. Também as crianças de todas as guerras” (Ondjaki, 2024, p.42).

O narrador não situa historicamente, com datas e locais, os eventos tratados, mas é possível inferir que se trata das guerras pela descolonização que aconteceram em países africanos, não apenas pelas pistas encontradas na narrativa, mas também pela biografia de

Ondjaki⁵. O fato de as personagens não receberem um nome que as individualiza, dessa forma, permite inferir que o impacto causado por essas guerras tem consequências coletivas, na medida que a barbárie perpetrada está diretamente associada ao atraso socioeconômico que as nações africanas receberam como herança do colonizador. No entanto, mesmo que a guerra tenha afetado a sociedade como um todo, a experiência desse acontecimento não é unicamente coletiva, pois cada indivíduo sentiu de forma subjetiva e única os horrores provenientes dela. A perda paterna, como foi relatada pelo personagem, ou em outras situações, famílias inteiras massacradas, ou crianças que ficaram órfãs, evidencia que apesar de as guerras serem eventos que atingem toda a coletividade, as experiências são, de igual modo, individuais.

3 SEQUÊNCIA BÁSICA – POR QUE NÃO VIVER COMO ESTRELAS?

A sequência básica apresentada a seguir tem como principal objetivo despertar nos discentes reflexões relacionadas ao despertar de diferentes sensações e sentimentos, inclusive formas de como um indivíduo pode se comportar diante da dor e do sofrimento alheios. Por meio da leitura do conto *Uma escuridão bonita*, eles irão se deparar com análises e interpretações que poderão instigá-los a refletir sobre questões que dizem respeito a si e ao outro, em situações de adversidade, além de se pensar em formas para a busca da tranquilidade em dias difíceis. Essa proposta poderá ser aplicada com alunos do Ensino Fundamental II, porém, é necessário que o docente leve em consideração a maturidade de cada turma e a sua familiaridade com a escrita de Ondjaki, com os elementos que constituem a prosa poética e com os sentidos da linguagem conotativa. A duração dos trabalhos está prevista para ocorrer em duas aulas, com exceção da atividade *expansão*, que pode ser feita em um horário posterior à aula.

Para que cada aluno tenha um encontro frutivo com o texto literário, o espaço para ministração da aula é algo que precisa ser considerado. Assim, a orientação é que a escolha seja feita por um espaço organizado e montado especialmente para esse fim. A sugestão para o preparo do ambiente no qual será ministrada a aula pode conter uma sala com pouca luz,

⁵ Com efeito, a literatura produzida por Ondjaki se inscreve no projeto literário angolano que vê nas questões nacionais fonte inesgotável de inspiração e motivação. A esse respeito, diz Rita Chaves: “Fundando efetivamente no século XIX, o projeto literário em Angola tem no compromisso com a vida nacional um de seus eixos. Em seu conjunto, as obras vão deslindando a existência de fortes elos de ligação com a situação contextual da qual são testemunhos. O inventário dessa produção, sobretudo a partir de 1930, coloca-nos diante de dois fatos importantes no entendimento de sua história: o lugar ocupado pelas questões em torno do problema colonial e a certeza de que a literatura, através dos tempos, jamais se demitiu da tarefa de corporificar um espaço de resistência à chamada missão civilizadora levada à África pelos europeus” (Chaves, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Coleção Via Atlântica, 1999).

ornamentação inspirada no formato de um livro (parede forrada com alguma cortina ou outro tecido na cor preta, com uma lua colocado sobre ela, isto é, cenário propício para representar uma noite sem luz elétrica), uma vela no centro da sala, com a finalidade de estabelecer uma atmosfera que simule uma situação de contação de histórias em volta da fogueira. Essas propostas remetem de imediato à oração que abre a narrativa: “A luz faltou de repente”.

3.1 Motivação

O professor irá acompanhar os alunos para essa sala e pedirá que todos se acomodem. Espera-se que a ornamentação gere estranhamento e curiosidade. Depois do momento de organização e acomodação, o docente iniciará a aula a partir de duas motivações que servirão para a preparação da leitura da obra.

a) Primeira motivação: “A luz faltou de repente”.

Para dar início ao trabalho, o educador pode fazer a seguinte pergunta: “o que vocês costumam fazer em casa quando falta luz elétrica à noite?” Caso a primeira resposta seja “fico no celular”, o educador deve insistir na abordagem: “o que vocês costumam fazer em casa quando falta luz elétrica à noite e o celular descarrega?”. Provavelmente, seguirão respostas como: “vou dormir”; “brinco com meu irmão”; “fico sem fazer nada até a luz chegar”; “converso com meus pais” etc. O professor pode dar seguimento à aula propondo as seguintes provocações: “existem várias maneiras de superar a ausência de luz, basta que estejamos abertos para criá-las e imaginá-las. Por exemplo, contar e ouvir uma boa história, são excelentes atividades para se fazer nessa situação. A história que será narrada, não é nem de suspense e nem de terror, mas nos mostra como duas crianças aproveitaram uma noite sem luz para entrelaçar sentimentos e histórias”.

b) Segunda motivação: “Uma escuridão bonita”.

Antes de dar início à leitura do texto, o docente pode propor uma reflexão sobre o título, a partir de uma questão dissipadora. A atividade sugerida para esse momento consiste em distribuir pedaços de folhas sulfite e uma caneta para que os alunos possam elaborar uma resposta para o seguinte enunciado: “para você, o que seria uma escuridão bonita?”. Os papéis

com as respostas serão recolhidos e, ao término da leitura, será feita uma discussão a fim de levantar especulações sobre a relação existente entre o título e a história tratada pelo conto.

3.2 Introdução

Na etapa *Introdução*, será feita a apresentação do autor e do texto trabalhado, contendo dados biográficos, contexto histórico e informações a respeito do enredo do conto e do estilo literário empregado por Ondjaki em suas obras.

3.4 Leitura

No processo de *Leitura da obra*, os alunos, sentados no chão da sala, em um grande círculo ou acomodados de forma espontânea, serão convidados a ouvir a narração. A leitura, então, será realizada sem intervalos.

3.4 Interpretação

Finalizada a leitura, dá-se início à *Interpretação*, momento no qual, orientados pelo docente, os alunos serão estimulados a expor suas impressões sobre o texto. Essa etapa evidencia a concretização da leitura, pois parte “do entretencimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto” (Cosson, 2014, p. 64). O entrelaçamento do texto pode, naturalmente, ocorrer de diversas maneiras, quer entre autor e leitor ou entre ambos e a comunidade. Para realizar a interpretação de *Uma escuridão bonita*, pensou-se em dividir a análise do conto em cinco momentos, os quais partirão de *mensagens-chave* do texto, com auxílio ou não de outros textos escritos ou visuais para a compreensão de seu sentido.

a) *Primeira interpretação* – “O silêncio é uma esteira onde nos podemos deitar”

O docente pode localizar no texto a parte de onde foi retirado o fragmento citado, propondo aos alunos uma reflexão sobre a relação semântica existente entre a palavra *esteira* e a palavra *silêncio*. Partindo do pressuposto de que a *esteira* também pode sugerir um lugar adequado para o descanso, compreende-se que a prática do silêncio pode ser considerada um

exercício de calma e paz para a alma. Considerando essa interpretação, é possível estabelecer que as inferências do excerto partirão das seguintes questões disparadoras:

- 1) Por que o silêncio é comparado a uma esteira?
- 2) O que a metáfora presente nesse fragmento quer nos mostrar?
- 3) Que outro elemento você substituiria pela palavra esteira para comparar com a palavra tranquilidade?
- 4) Qual outro lugar poderia ser considerado sinônimo de tranquilidade?

Postas essas questões, apresenta-se a seguinte proposta de atividade: Refaça a frase original substituindo a palavra esteira por um lugar de descanso e de tranquilidade escolhido por você.

b) *Segunda interpretação* – “Do meu coração transborda...”

O docente retomará a leitura, a fim de ampliar a familiaridade da turma com o texto. A intervenção docente contextualizará o seguinte momento da narrativa: “– Achas que pode caber o quê, no coração das pessoas?” (Ondjaki, 2024, p. 22). Os estudantes serão instigados à análise desse fragmento, propondo uma reflexão. Individualmente, escreverão na lousa a resposta, que pode ter relações com sentimentos variados, tais como: amor, raiva, ódio, tristeza, remorso, carinho etc. É possível que sejam selecionados mais sentimentos ruins do que bons. A partir daí, o professor irá ao texto para buscar a resposta para aquela pergunta: “– Muitas coisas. Um poema, uma recordação, um cheiro de infância, um «desejo de estrelas»...”, explicitando que dentro do coração das pessoas podem caber coisas boas e ruins, o que permanecerá dentro dependerá apenas da vontade de cada uma. Como forma de interlocução com outras áreas do conhecimento, o educador poderá acrescentar às reflexões um poema para exemplificar o trecho da narrativa ou, ainda, utilizar uma música que possua mesma temática. Para esse momento, é sugerida a seguinte atividade: Responda com um desenho, uma frase, um poema, um conto curto ou uma descrição.

c) *Terceira interpretação* – “Desejos de estrelas”

Nesse momento, a *mensagem-chave* da narrativa está relacionada ao diálogo abaixo:

- Como é um desejo de estrelas?
- É olhar para uma estrela e desejar uma coisa.

- Ainda deseja lá uma coisa para eu ouvir.
 - Desejo que o meu pai não tivesse morrido na guerra.
 - E eu desejo que os homens nunca mais inventem guerras novas.
 - Como se o saco de guerras estivesse vazio?
 - Como se tivessem perdido o saco de guerras.
- (Ondjaki, 2024, p.22).

A partir dos desejos das personagens, materializados pelo discurso e transmutados na possibilidade metafórica da expressão *desejo de estrelas*, em que a imagem da estrela pode ser compreendida como o surgimento de algo bom que desperta em meio às vicissitudes, o docente pode dar continuidade à aula, propondo um diálogo que envolva sonhos, aspirações e perspectivas para o futuro, sem perder de vista as implicações negativas relacionadas às consequências das guerras e à violência que marcou o processo de descolonização nos países africanos, chamando a atenção para o caso de Angola, tendo em vista a nacionalidade e as experiências do autor do conto. Considerando os *desejos de estrelas* das personagens, a narrativa expõe, no mesmo plano, as vivências de crianças e adolescentes de África, lançadas à tragédia irreversível da orfandade, e a ingenuidade infantil que almeja um mundo no qual as guerras tenham sido extirpadas. Como atividade sugerida, propõe-se: o professor entregará para cada aluno um cartão em formato de estrela, previamente confeccionado, para que ele escreva dentro os seus *desejos de estrelas* (sonhos, propósitos, objetivos).

d) *Quarta interpretação* – “Por que não viver como estrelas?”

Será proposta uma roda de conversa na qual professor e alunos farão análise, interpretação e reflexão do seguinte trecho do conto: “- Quando somos crianças, o mundo fica bonito de repente. E simples. Parece um céu aberto com estrelas possíveis de serem apanhadas e guardadas numa gaiola sem paredes de fechar ninguém.” (Ondjaki, 2024, p. 93). A roda de conversa pode ter início com o docente provocando a turma, para que ela apresente um possível significado para o fragmento lido. É esperado que surjam respostas relacionadas à ideia de liberdade, presente na frase “gaiolas sem paredes”. Depois que todos os alunos e todas as alunas tiverem apresentando sua contribuição, o docente pode apresentar a sua compreensão do excerto, de forma abrangente, relacionando o recorte lido com todo o conto, para que fique evidente a inocência que reveste a visão que as crianças têm do mundo. Apesar de todas as dificuldades, o mundo, sob a perspectiva infantil, ainda é um lugar repleto de possibilidades, beleza, simplicidade e, principalmente, liberdade. Além disso, é importante ressaltar o significado da frase que encerra o fragmento, “sem paredes de fechar ninguém”.

Nesse ponto, se não tiver surgido nenhuma fala que trate da questão do respeito à diversidade, é importante que o docente explicita a necessidade da tolerância e do respeito às diferenças, como questões étnicas, religiosas, de orientação sexual etc. Após a conversa aberta na roda, será proposta a seguinte atividade: os alunos terão que transformar o enunciado em uma ilustração. A ideia é transformar o fragmento inteiro em uma linguagem visual para ser exposta em um painel no corredor da escola ou na sala de aula. Assim, os apreciadores das ilustrações terão que entender a mensagem visual sem recorrer a nada escrito, valendo-se apenas da imagem.

e) *Fechamento*

Para o fechamento, o docente pode trabalhar a questão da criação de fábulas e contação de histórias, o mundo da invenção, da imaginação. Como ponto de partida para esse momento, deverá ser lida a última parte da narrativa e, de forma mais específica, o seguinte fragmento:

- Porquê que inventas histórias? - ela perguntou.
- Para a nossa escuridão ficar mais bonita.
(Ondjaki, 2024, p. 104-105).

De acordo com a narrativa, as histórias às quais a personagem se refere são aquelas que o narrador cria para justificar a alcunha “Avódezanove”, dada à sua avó. Caso seja necessário, o docente poderá voltar ao texto para localizar essas histórias e possibilitar aos discentes conversarem sobre as duas versões que o protagonista conta sobre a origem e significado do apelido. Nesse momento, o docente pode propor uma discussão envolvendo a natureza ficcional que reveste a criação de histórias e suas relações com a necessidade de se criar justificativas e significados para toda e qualquer situação. Além disso, é possível chamar a atenção para o aspecto lúdico e idealizador que reside na criação literária, dado que a palavra possui o poder de conjurar alternativas para suavizar a realidade.

Desse modo, para dar continuidade à discussão, o docente pode dedicar o momento final da aula para a análise do fragmento “- Para a nossa escuridão ficar mais bonita” (Ondjaki, 2024, p.105). Naturalmente, a escuridão no trecho destacado sugere significados vários, podendo representar, considerando o contexto social angolano, o sofrimento daqueles que perderam familiares na guerra, as pessoas que foram presas por seus ideais etc. Além disso, a

escuridão abordada na frase pode também se referir ao estado de espírito do leitor no momento que terminou a leitura da obra. O narrador, ao exercer o ofício do contador de histórias, evidencia que inventa *estórias* para transformar a escuridão em algo que deve ser apreciado, sinalizando que as histórias contadas ou lidas não só possuem a capacidade de amenizar a tristeza, a preocupação e a angústia, mas também servem para, de forma conotativa, curar os ferimentos da alma e transformar escuridão em luz.

3.5 Expansão

Finalizada a parte relativa à *Interpretação*, o docente dará início à *Expansão* da sequência didática, com uma atividade que, considerando os sentimentos e as sensações despertadas pela ausência de luz elétrica, deve extrapolar as experiências propriamente literárias e estimular os sentidos dos discentes, de modo que os aproxime das vivências experimentadas pelas personagens do conto. Essa atividade está dividida em quatro etapas:

1ª etapa – sonoridade: exibição do filme *Música*, de 2024, que tem como protagonista um artista de rua que interpreta os sons do seu cotidiano com ritmos variados e complexos. Por se tratar de uma obra que desperta a sinestesia – fenômeno neurológico que provoca a percepção de vários sentidos ao mesmo tempo –, cada som e cada movimento estão ligados a uma existência e ambos estão conectados ao universo. Após apreciarem a película, os discentes, em uma roda de conversa, deverão compartilhar suas impressões, pontuando, sempre que possível, a importância da sensibilidade na forma como o indivíduo percebe a coletividade. Depois da roda de conversa, os discentes serão conduzidos a um ambiente movimentado – o pátio da escola, a cantina, a sala da coordenação, por exemplo – e, em um exercício de concentração e percepção, registrar por escrito como eles identificam os sons e movimentos captados.

2ª etapa – tato: Essa atividade também será externa, desenvolvida com outros estudantes da escola e utilizará elementos de natureza lúdica. A turma será dividida em duplas que escolherá aleatoriamente um voluntário para participar da experiência. O estudante escolhido terá os olhos vendados e será exposto a uma *caixa sensorial* que contém objetos de diferentes texturas, tais como: lixa, algodão, papel celofane, objetos de madeira etc. Um dos componentes da dupla entregará ao voluntário os objetos da caixa – um por vez – e pedirá que ele descreva as sensações experimentadas ao tocar cada objeto. Enquanto o participante descreve as sensações e percepções, o outro integrante da dupla fará anotações.

3ª etapa – paladar: os discentes deverão experimentar três alimentos diferentes e, como um exercício de atenção e concentração, deverão registrar em uma gravação de áudio, via *smartphone*, a composição do alimento escolhido (cores, textura, paladar) e as sensações despertadas durante o processo de degustação. Há alguma memória afetiva envolvida?

4ª etapa – conclusão: aqui será trabalhada a escrita sensorial. Para desenvolver essa atividade, os discentes, em dupla, terão que escrever uma narrativa em um gênero textual de sua escolha (conto, crônica, poema, relato pessoal, notícia etc.), acrescentando à composição as sensações/percepções coletadas durante as etapas anteriores: sensações observadas por meio do tato; observações dos sons e dos movimentos; o sabor dos alimentos. A escrita do texto literário necessita do olhar sensível do escritor, além de suas percepções sobre tudo que ocorre à sua volta. Por isso, a importância dos exercícios de percepções e seus registros para o processo de escrita criativa. Depois da escrita dos textos e da revisão realizada pelo docente, será imprescindível a apresentação oral de cada produção na aula, como também, a sua exposição na sala ou em um mural na escola.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inquietação despertada no leitor, ao se deparar com o conto *Uma escuridão bonita*, já é anunciada na leitura do título, uma vez que o autor subverte a negatividade com que o senso comum avalia o significado da palavra escuridão, estendendo as possibilidades interpretativas e analíticas que encontram relação entre o vocábulo e sentidos outros de beleza. Assim, a narrativa informa ao leitor atento que, conquanto adversidades comumente possam estar relacionadas à obscuridade, é possível encontrar beleza, durante os momentos de vicissitudes, na solidariedade, na companhia de pessoas queridas e na simplicidade. Em se tratando de adolescentes do Ensino Fundamental II, uma das lições importantes que pode ser apreendida com a leitura do conto diz respeito ao entendimento de que experiências traumáticas e negativas podem ser ressignificadas, desde que estejamos disponíveis para o exercício da empatia e da valorização do outro. Isso nos ajuda a refletir sobre a importância de construir e manter laços duradouros e significativos. Em se tratando do processo de composição do conto, coube a Ondjaki o papel de contador de histórias para narrar as vivências únicas de sujeitos marginalizados historicamente que carregam dentro de si

experiências que devem ser compartilhadas a fim de contribuir para o desenvolvimento da consciência coletiva de um povo.

A sequência didática apresentada ao longo deste trabalho é uma sugestão de como o texto literário pode ser trabalhado para incentivar no jovem leitor, aquele que vive imerso no universo virtual instaurado pelo avanço tecnológico, o desejo de explorar todas as possibilidades imagéticas e sensoriais que uma leitura ativa e dinâmica pode oferecer. Quando as vivências registradas no conto são transformadas em matéria literária e narradas a partir da perspectiva de uma criança, estabelece-se uma identificação com o público leitor em questão e o padrão se desestabiliza: não se trata de um adulto conduzindo o fio narrativo, mas de alguém a quem, culturalmente, é negado o direito à palavra, já que há sempre a figura de um “responsável” para realizar o trabalho de mediação. A opção por uma criança para exercer o papel de condutor da história que está sendo contada faz com que o leitor seja introduzido em um universo lúdico e imaginativo, reforçando, dessa forma, as possibilidades metafóricas de interpretação que atravessam o texto:

Isso significa que os olhos das crianças conseguem enxergar beleza naquilo que é mais corriqueiro, desimportante, banal, como uma simples conversa sob a luz da lua em um dia de escuridão.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *O amor que acende a lua*. Campinas: Papirus, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Coleção Via Atlântica, 1999
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddie Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionários de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- ONDJAKI. *Uma escuridão bonita*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- ONDJAKI. *Avódezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.